

Compreendendo o processo de inclusão:

Limitadores
e facilitadores

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Compreendendo o processo de inclusão:

Limitadores
e facilitadores

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Compreendendo o processo de inclusão: limitadores e facilitadores

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Correção: Bruno Oliveira

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadores: Edwaldo Costa

Suélen Keiko Hara Takahama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C737 Compreendendo o processo de inclusão: limitadores e facilitadores / Organizadores Edwaldo Costa, Suélen Keiko Hara Takahama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-618-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.185211811>

1. Inclusão. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Takahama, Suélen Keiko Hara (Organizadora). III. Título. CDD 371.9

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Este e-book lança um olhar para a Educação Inclusiva, mais especificamente sobre limitadores e facilitadores. Os textos que o compõem são reflexões que visam compreender os contornos que a Educação e seus componentes estabelecem entre si e com outras tessituras sociais. Trata-se, portanto, de uma necessária atitude crítica diante do campo em toda a sua complexidade, para mirar suas reconfigurações, seus atravessamentos e os sentidos que os fatos educacionais produzem na contemporaneidade.






Os capítulos analisam uma pluralidade de questões, apresentando problemas de pesquisas que abrangem: a educação inclusiva em um processo de formação continuada do ensino fundamental, o uso da língua de sinais como comunicação, acessibilidade na escola, a inclusão da criança autista em sala de aula e a educação inclusiva durante a pandemia de Covid-19.

Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões sobre a educação a partir de diferentes pontos de vista: político, social, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO	
Suellen Natali Azevedo Rocha	
Tatiane da Silva Ortellado	
Sara Souza Batista	
Eleandra Neri Leite	
Dulcineide Domitila Junglos	
Adriana Silveira Monteiro Rodrigues	
Luciana Silveira Monteiro	
Rosilda Silveira Monteiro	
Jane Silvia Chaquime Pizato	
Maria Madalena Freitas Barbosa	
Luci Almeida Da Silva	
Sonia Maria Gomes da Silva Rodrigues	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1852118111	
CAPÍTULO 2	13
ACESSIBILIDADE NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Gislaine Ferreira Menino-Mencia	
Maria de Fátima Belancieri	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1852118112	
CAPÍTULO 3	24
APRAXIA: O USO DA LÍNGUA DE SINAIS COMO COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA	
Patrícia de Oliveira Neiva Miguel	
Rosângela Lopes Borges	
Kássia Mariano de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1852118113	
CAPÍTULO 4	32
CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM UM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Rosimeire Ferreira Diniz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1852118114	
CAPÍTULO 5	48
EDUCAÇÃO INCLUSIVA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	
Edwaldo Costa	
Suélen Keiko Hara Takahama	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1852118115	
SOBRE OS ORGANIZADORES	61
ÍNDICE REMISSIVO	62

APRAXIA: O USO DA LÍNGUA DE SINAIS COMO COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

Data de aceite: 01/11/2021

Patrícia de Oliveira Neiva Miguel

Graduada em Pedagogia (UEG), pós-graduada em Métodos e Técnicas de Ensino (SALGADO DE OLIVEIRA), e Gestão Escolar (FASAM). Especialista em Libras (FAVENI)

Rosângela Lopes Borges

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (IFGOIANO). Graduada em Letras (Port./ Ing.) (UEG) e Pedagogia (ALFAMÉRICA).
Cursou pós-graduações em: Educação Especial (APOGEU); Psicopedagogia Clínico e Institucional (UNINTER); Educação a Distância (ALFAMÉRICA); Português Jurídico (ALFAMÉRICA). Atualmente é pós-graduanda em Docência do Ensino Superior (INTEGRA) e aluna especial em Historiografia Linguística no Programa de Doutorado em Letras e Linguística da UFG. É Intérprete de LIBRAS (ASG), docente em instituições de Ensino Superior e realiza atendimentos especializados a pessoas com dificuldades de aprendizagem
<http://orcid.org/0000-0001-8422-0075>

Kássia Mariano de Souza

Doutoranda em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Mestra em Estudos da Linguagem (UFG-RC); Especialista em Libras pela Universidade Cândido Mendes; Graduada em Letras Português e Inglês pela (UFG-RC); Certificação em Proficiência no Ensino de Libras; Desenvolve pesquisas linguísticas em Libras com ênfase na Lexicologia, Terminologia e Terminografia e Toponímia da Língua Brasileira de Sinais; Professora na Universidade Federal de Catalão (UFCAT)
<http://orcid.org/0000-0002-3467-9694>

RESUMO: O presente texto trata-se de um levantamento da literatura em busca de pesquisas sobre o uso da língua de sinais como mecanismo de comunicação alternativa para crianças com Apraxia da Fala. A investigação se deu, inicialmente, em três bases de dados mais utilizadas no Brasil: Periódicos CAPES, Google Acadêmico e Scielo. Utilizou-se descritores como “Apraxia” “língua de sinais” e “libras”. Não foi localizado nenhum texto específico sobre a Apraxia e a língua de sinais, já que se delimitou apenas textos em Língua Portuguesa. Foram selecionados uma Tese de doutorado e cinco artigos científicos que mais se aproximaram do tema. Esses foram utilizados para a revisão bibliográfica que aborda sobre o conceito, o diagnóstico, o tratamento e o uso da língua de sinais como Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA). Concluímos que a escassez de literatura nessa área prejudica a divulgação do conhecimento e, conseqüentemente, as crianças com esse distúrbio na fala enfrentam o desafio diário de se comunicar e serem compreendidas.

PALAVRAS-CHAVE: Apraxia da Fala. Língua de Sinais. Língua Brasileira de Sinais (Libras).

APRAXIA: THE USE OF SIGN LANGUAGE AS AN ALTERNATIVE COMMUNICATION

ABSTRACT: This text is a survey of the literature in search of research on the use of sign language as an alternative communication mechanism for children with Speech Apraxia. The investigation took place, initially, in three databases most used in Brazil: CAPES Periodicals, Academic Google and Scielo. Descriptors such as “Apraxia”, “sign language” and “libras” were used. No specific

text on Apraxia and sign language was found, as only texts in Portuguese were delimited. A doctoral thesis and five scientific articles that came closest to the topic were selected. These were used for the literature review that addresses the concept, diagnosis, treatment and use of sign language as Alternative Augmentative Communication (AAC). We conclude that the scarcity of literature in this area hinders the dissemination of knowledge and, consequently, children with this speech disorder face the daily challenge of communicating and being understood.

KEYWORDS: Apraxia of Speech. Sign language. Brazilian Sign Language (Libras).

1 | INTRODUÇÃO

A Apraxia é um distúrbio motor que dificulta a fala. As crianças com esse diagnóstico, geralmente, têm uma boa compreensão da linguagem e sabem o que querem dizer. Entretanto, elas têm dificuldades em aprender ou realizar os movimentos que estão por trás da fala. Apesar de parecer ser simples, a habilidade de falar é altamente complexa e depende de fatores como: planejar, programar, executar movimentos (lábios, língua, mandíbula) e produzir os sons da fala.

No Brasil, o diagnóstico de Apraxia é pouco conhecido e divulgado por profissionais das mais diversas áreas. Uma criança que apresenta esse distúrbio na fala pode permanecer com a capacidade linguística limitada e/ou pouco clara. Ela pode, também, ter impactos negativos nas esferas intelectual, social e emocional. Por isso, a dificuldade com a fala torna-se um grande problema dentro das escolas.

Devido à grande dificuldade que as crianças com Apraxia têm para se comunicar oralmente, iniciou-se estudos do uso da Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) nesses casos. Trata-se de um conjunto de estratégias, métodos e ferramentas com potencial para aumentar a capacidade comunicativa de forma funcional e eficaz. Dentre essas estratégias podemos citar: placas com figuras, *tablets* e/ou computadores, gestos e até mesmo a língua de sinais.

A Apraxia não é muito divulgada ou pesquisada no Brasil, além disso, o uso de língua de sinais como meio alternativo de comunicação para essas pessoas é mais visto em artigos internacionais. Isso dificulta o levantamento da bibliografia e a divulgação da temática aos brasileiros.

Acreditamos, portanto, que seja necessária a publicação de textos sobre a Apraxia e a língua de sinais, de modo que se divulgue mais esse conhecimento, colaborando assim, para a diminuição dos pré-conceitos que ainda existem sobre o assunto. E foi com o objetivo de divulgar a temática que decidimos fazer um estudo de revisão bibliográfica sobre o uso da língua de sinais em crianças com Apraxia.

Para tal, realizamos um levantamento da literatura nas três bases de dados mais utilizadas no Brasil: Periódicos CAPES, Google Acadêmico e Scielo. Utilizamos descritores como “Apraxia” “língua de sinais” e “Apraxia” “libras”, esse último trata-se da Língua

Brasileira de Sinais. Inicialmente, não delimitamos data, isso para que fosse possível verificar um número maior de pesquisas.

2 | APRAXIA E LIBRAS: REVISÃO SISTEMÁTICA

Gostaríamos de iniciar esse texto explicitando como se deu nosso levantamento da literatura (GIL, 2008). Como dito anteriormente, pesquisamos nas três Bases de Dados mais utilizadas no Brasil: Periódicos CAPES, Google Acadêmico e Scielo. Fizemos uso dos descritores: “Apraxia” “Língua de sinais” e “Apraxia” “libras”. Não localizamos nenhum texto que aborde especificamente sobre o uso da Língua Brasileira de Sinais como comunicação alternativa para indivíduos com Apraxia, seja em crianças, adolescentes ou adultos.

Vale ressaltar que para essa seleção fizemos uma varredura dos títulos e depois dos resumos. Dessa forma, eliminamos todos aqueles textos que não se enquadravam na temática de nossa pesquisa. Depois, fizemos uma segunda seleção com a leitura da introdução e conclusão. Por fim, fizemos uma leitura dinâmica do texto para ter a certeza que ele agregaria informações a nossa Revisão (GIL, 2008). Totalizaram, portanto, seis textos principais para a nossa pesquisa, sendo eles apresentados no Quadro 1:

BASE DE DADOS	Descritores	Focos	Total	Selecionados
Periódicos CAPES	13 Teses	Alzheimer, Apraxia da Marcha, teatro, Síndrome de Down, Afasia, Hidrocefalia, Parkinson [...]	49 resultados gerais sem filtros	Cardoso (2003) Tese
	36 Dissertações			
Google Acadêmico	20	Padrões acústicos, Alzheimer, Síndrome de Down, sistemas alternativos [...]	20 resultados de 2021	Payão et al (2012) Capovilla, Capovilla e Macedo (1998) Cavalcante e Brandão (2012)
Scielo	26	Síndrome de Down, Intervenção Fonaudióloga, avaliação e reabilitação.	26 resultados com filtro em Português	Gubiani, Pagliarin e Keske-Soares (2015) Catrini, Lier-DeVitto (2019)

Quadro 1 – Resultados do levantamento da literatura sobre Apraxia

Fonte: Organizado pela Autora (2021)

Na base de dados da CAPES localizamos 13 teses de doutorado e 36 dissertações de mestrado. Entretanto, quase todas elas abordam questões relacionadas à alguma doença ou síndrome como: Alzheimer, Síndrome de Down e Parkinson. Além disso, havia vários textos que focavam na Apraxia da Marcha e não da Fala.

Selecionamos, portanto, uma tese de doutorado que objetivava a investigação em

crianças. Esta é intitulada “Apraxia de Desenvolvimento: um estudo prosódico da fala de crianças de dez anos” (CARDOSO, 2003).

No Google Acadêmico foi o que apareceu mais resultados utilizando apenas “apraxia” como descritor, por isso, foi necessário filtrar. Quando utilizamos o termo “língua de sinais” na frente ainda resultaram 1660 resultados. Dessa forma, optamos por filtrar, estabelecendo o ano de 2021.

Selecionamos três artigos, que apesar do filtro “2021” foram publicados em 1998 e 2012. São eles “Características clínicas da apraxia de fala na infância: revisão de literatura” (PAYÃO et al., 2012); “O uso de sistemas alternativos e facilitadores de comunicação nas afasias” (CAPOVILLA; CAPOVILLA; MACEDO, 1998); e “Gesticulação e fluência: contribuições para a aquisição da linguagem” (CAVALCANTE; BRANDÃO, 2012).

Na base de dados da Scielo, foi onde apareceram mais resultados, entretanto, praticamente todos estavam em Inglês. Por isso, aplicamos o filtro restringindo os textos apenas ao “Brasil” e depois ao “Português” como língua. Restaram, com isso, 26 textos publicados, sendo a maioria deles sobre fonoaudiologia, avaliação e reabilitação, na área da saúde.

Selecionamos dois artigos da Scielo que mais se enquadraram ao que propomos investigar em nosso estudo. São eles: “Apraxia de fala e atraso de linguagem: a complexidade do diagnóstico e tratamento em quadros sintomáticos de crianças” (GUBIANI; PAGLIARIN; KESKE-SOARES, 2015) e “Instrumentos para avaliação de apraxia de fala infantil” (CATRINI; LIER-DEVITTO, 2019).

Diante desse levantamento da literatura fomos capazes de organizar nosso texto de revisão bibliográfica. Iniciamos com as definições de Apraxia da Fala trazida pelos autores.

A Apraxia é um distúrbio neurológico que afeta consideravelmente a condição motora da fala. O que se deve entender é que o problema não está no aparelho fonador, mas no envio incorreto de informações para o cérebro organizar e executar as ações necessárias para reproduzir os sons da fala (CAPOVILLA; CAPOVILLA; MACEDO, 1998).

Entre os sintomas da Apraxia estão a fala arrastada, o discurso com um número limitado de palavras, a distorção de alguns sons, e as pausas entre sílabas, palavras ou frases. As causas da apraxia variam de acordo com o tipo, podendo ser genéticas ou ocorrer como resultado de uma lesão cerebral (Apraxia Adquirida), em qualquer fase da vida (CAVALCANTE; BRANDÃO, 2012).

Antes do diagnóstico de Apraxia da Fala devem ser realizados testes de audição (para descartar problemas auditivos) e exames físicos dos lábios, do maxilar e da língua (para eliminar a possibilidade de ter uma malformação) (PAYÃO et al., 2012). Além disso, devem ser eliminadas deficiências como Autismo, Deficiência Intelectual ou Distúrbio Específico de Linguagem (DEL) (GUBIANI; PAGLIARIN; KESKE-SOARES, 2015).

Gubiani, Pagliarin e Keske-Soares (2015, p. 610) alertam que existem vários instrumentos que se propõem avaliar e diagnosticar a Apraxia. No entanto, “[...] ainda são

escassos os estudos sobre esse tema em nível nacional, bem como protocolos padronizados e validados para a população brasileira que avaliem e ajudem em um diagnóstico preciso”.

O tratamento é feito de acordo com o grau de dificuldade que a pessoa apresenta. Geralmente com sessões de terapia da fala e/ou fonoaudiologia, soma-se a isso, a prática de exercícios em casa. Quando a Apraxia é muito severa, e não melhora com terapia da fala ou fonoaudiologia, pode ser necessário adotar outros métodos de comunicação, como a língua de sinais (CATRINI; LIER-DEVITTO, 2019) e (FISH, 2019).

Intitula-se de Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) o conjunto de instrumentos utilizados para aumentar a comunicação de indivíduos que têm dificuldades com a fala. A CAA pode ser “sem apoio” e “com apoio”, esse ocorre com instrumentos como placas com figuras, imagens, fotografias, símbolos, tablets e computadores. Já aquele não há a necessidade de intervenção de outra pessoa ou equipamento para estabelecer a comunicação, porque, os recursos usados são próprios como: o seu corpo, gestos, língua de sinais, piscar de olhos, dentre outros (CARDOSO, 2003) e (FISH, 2019).

A Associação Norte Americana de Apraxia “*Childhood Apraxia of Speech Association of North America (CASANA)*”, com sede em Pitsburgo, cidade na Pensilvânia, criou o portal “Apraxia Kids” ou “*Childhood Apraxia of Speech (CAS)*”. A CASANA defende que se deve incluir qualquer forma de comunicação (Comunicação Total), além da fala, desde o início da intervenção, isso inclui os gestos e a língua de sinais.

No ambiente da sala de aula a troca de informações torna-se essencial. Para colocar em prática uma aprendizagem colaborativa, o professor faz perguntas e os alunos respondem, realiza atividades em grupo, os estudantes apresentam trabalho na frente, trocam ideias e opiniões com os colegas. Para isso, as crianças com Apraxia da Fala podem usar gestos naturais, língua de sinais, um livro de comunicação, um símbolo e/ou um dispositivo gerador de fala para transmitir suas intenções. O que importa é o aluno ser capaz de expressar o que pensa (GUBIANI; PAGLIARIN; KESKE-SOARES, 2015).

A CASANA alerta que muitos terapeutas da fala e fonoaudiólogos optam por se concentrar apenas na fala, negligenciando a comunicação geral. Na maioria das vezes, a preocupação desses profissionais e dos pais/responsáveis é que o uso do CAA pode impedir a criança de falar ou atrasar ainda mais o desenvolvimento da fala natural. Essa Associação defende que a comunicação alternativa não impede a criança de usar a fala para se comunicar, ao contrário, se torna eficaz para ela. Além disso, ela abandonará os recursos alternativos quando for capaz de falar oralmente sozinha.

Entretanto, no Brasil, a ideia da comunicação alternativa não é muito divulgada. Exemplo disso é o “Guia Prático de Conscientização da Apraxia de Fala na Infância”, publicado pela Associação Brasileira de Apraxia de Fala na Infância que, em suas 36 páginas, aborda a CAA de modo vago, como podemos ver nos trechos que seguem:

[...] No caso de crianças não verbais, o uso de comunicação alternativa ou complementar deve ser considerada (p. 19).

[...] Nestes casos, precisamos sempre considerar o uso da comunicação alternativa (lembrando aos pais que jamais o uso da comunicação alternativa irá inibir a fala!) (p. 25).

Comunicação alternativa. Se necessário, não desconsidere o seu uso (p. 30) (PEREIRA; ARAÚJO, 2019).

No Guia, em momento algum é citada a língua de sinais, ou a Língua de Sinais Brasileira como meio de comunicação alternativa para Apraxia. No campo destinado aos pais/responsáveis e à escola dando dicas de como ajudar as crianças com esse distúrbio, nota-se mais orientações psicológicas, sociais, comportamentais e pedagógicas.

Fish (2019) acredita que utilizar concomitantemente palavra vocalizada e um sinal (gesto/visual) aumenta a chance de o ouvinte entender o que está sendo dito pela criança com Apraxia. A fala pode, portanto, realizar-se em diferentes vias corporais “Sim, a matéria orgânica fica disposta/exposta à incidência da linguagem, mesmo que seja por outro meio que não a fonação” (CATRINI; LIER-DEVITTO, 2019, p. 04). Ressaltamos que durante nosso Levantamento Bibliográfico encontramos vários textos que recomendavam terapias com música, dança e/ou teatro.

A CASANA explicita que o uso de sinais para a comunicação de pessoas que apresentam Apraxia, em especial as crianças, ao contrário do que se pensa, quase sempre relatam uma grande disposição para tentar novas palavras e dizer mais (oral e gestualmente). Portanto, o sinal pode ser usado para auxiliar e/ou aumentar a comunicação verbal. A maioria das crianças com Apraxia da Fala tem habilidades de linguagem muito boas, e não há motivo para receios quanto ao uso de sinais, pois sua utilização não tem nada a ver com a capacidade de ouvir ou compreender a palavra falada.

No caso do Brasil, a língua de sinais foi oficializada pela Lei nº 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05. Desde então, foram surgindo no país vários movimentos em prol da inclusão das pessoas surdas, também, do respeito e divulgação da sua língua. Dentre esses movimentos o estabelecimento do Dia Nacional da Libras (24/04); Dia Nacional do Tradutor/Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) (26/07); Dia Nacional dos Surdos (26/09); do Dia Nacional de Prevenção e Combate à Surdez (10/11).

Em meio a esses movimentos de luta pelo respeito à identidade e cultura surda, alguns projetos de leis foram para o Plenário. Como o Projeto de Lei 3986/20 que inclui o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Fundamental. De modo que se aprovado haverá produção e distribuição de material didático em língua de sinais e maior divulgação da língua.

O Projeto de Lei nº 562/19 de autoria do Sr. Delegado Waldir sugere uma emenda da Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96. Visa acrescenta o art. 26-B que estabelece a inclusão, no currículo do Ensino Fundamental e no Ensino Médio o conhecimento básico da Língua Brasileira de Sinais, em instituições públicas e privadas.

Mesmo tendo sido promulgada em 2002 a Libras ainda é pouco conhecida pelos

brasileiros. Há ainda muitos mitos e preconceitos quando à pessoa do surdo e a língua que ele utiliza (GESSER, 2009). Assim como a Apraxia, o uso da língua de sinais ainda é algo que deve ser bastante estudado e divulgado de modo de que acarrete em mudanças de pensamento e postura das pessoas diante dessa temática.

Com base nos textos lidos, compreendemos que seja necessária a oferta da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como disciplina desde a Educação Infantil. Já que é nessa modalidade de ensino que as crianças iniciam sua comunicação, bem como, é percebida a dificuldade de fala, e/ou diagnosticada a Apraxia da Fala.

3 | CONCLUSÃO

Nosso objetivo era fazer um levantamento da literatura a fim de verificar a publicação de textos que abordam o uso da língua de sinais como meio de comunicação alternativa para crianças com Apraxia da Fala. Como resultado, não localizamos nenhum texto específico sobre a temática, entretanto, encontramos outros que embasaram nossa revisão bibliográfica.

Concluimos que a Apraxia é um tema pouco conhecido pela sociedade de um modo geral. Da mesma forma, a língua de sinais, ainda tem pouca representação no meio dos ouvintes. Sendo assim, quando se trata de Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) não se dá ênfase a língua de sinais, muitas vezes, por medo de que a criança se acostume e não se esforce para articular e oralizar.

Sugerimos que as Associações Brasileiras que representam a Apraxia da Fala elaborem documentos orientando o uso da língua de sinais. Além disso, recomendamos que estudiosos da área como fonoaudiólogos e terapeutas da fala investiguem e publiquem mais sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de comunicação das crianças com esse distúrbio.

Não queremos aqui dar por finalizada a discussão sobre a Apraxia da Fala. Reconhecemos que nossa pesquisa é limitada e que seria preciso uma investigação mais aprofundada. Por isso, deixamos como sugestão aos futuros pesquisadores uma investigação de campo com os profissionais que realizam atendimento com essas crianças, de modo a investigar os instrumentos de Comunicação Aumentativa Alternativa mais utilizados. Assim, seria possível comprovar se a língua de sinais faz parte deles ou não.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: 25.4.2002.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: 23.12.2005.

_____. **Projeto de lei nº 562, de 2019.** Acrescenta o art. 26-B à Lei nº 9.394, de 220 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e base da educação nacional, para incluir no currículo do ensino fundamental e no ensino médio o conhecimento básico da Língua Brasileira de Sinais-Libras nos estabelecimentos de ensino. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra. Acesso em: 16 mai. 2021.

_____. **Projeto de Lei 3986/20.** Inclui o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como disciplina obrigatória no currículo do ensino fundamental. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/715913-projeto-inclui-ensino-de-libras-como-disciplina-obrigatoria-do-curriculo-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 15 mai. 2021.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S.; MACEDO, E. C. O uso de sistemas alternativos e facilitadores de comunicação nas afasias. **Distúrbios da Comunicação**, v. 9, n. 2, 1998. ISSN: 2176-2724

CARDOSO, B. V. A. S. **Apraxia de Desenvolvimento:** um estudo prosódico da fala de crianças de dez anos. Tese de Doutorado em Linguística apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo Linguístico da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003, 297p.

CASANA. **Childhood Apraxia of Speech Association of North America.** Disponível em: https://www.apraxia-kids.org/apraxia_kids_library/what-about-sign-language-speech-tablets-and-other-communication-forms/. Acesso em: 14 mai. 2021.

CATRINI, M.; LIER-DEVITTO, M. F. Apraxia de fala e atraso de linguagem: a complexidade do diagnóstico e tratamento em quadros sintomáticos de crianças. **Communication Disorders, Audiology and Swallowing - CoDAS**. 2019; 31 (5). ISSN: 2317-1782

CAVALCANTE, M. C. B.; BRANDÃO, L. W. P. Gesticulação e Fluência: contribuições para a aquisição da linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos 54.1**, Campinas, jan./jun, 2012. ISSN 2447-0686.

FISH, M. **Como Tratar a Apraxia de Fala da Infância.** 1. ed. Carapicuíba/SP: Pró-Fono, 2019.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUBIANI, M. B.; PAGLIARIN, K. C.; KESKE-SOARES, M. Instrumentos para avaliação de apraxia de fala infantil. **Communication Disorders, Audiology and Swallowing - CoDAS** 2015; 27 (6): 610-615. ISSN: 2317-1782

PAYÃO, L. M. da C. et al. Características clínicas da apraxia de fala na infância: revisão de literatura. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 24-29, jan./mar. 2012. ISSN: 1984-7726

PEREIRA, L. M. D.; ARAÚJO, R. S. C. **Guia Prático de Conscientização da Apraxia de Fala na Infância.** 2019. Disponível em: <https://fonoemequipe.com.br/wp-content/uploads/2020/05/CARTILHA-APRAXIA-DE-FALA-NA-INF%C3%82NCIA-1.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade na escola 13, 17, 23
Alunos com necessidades especiais 32, 55, 56
Apraxia 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31
Apraxia da fala 24, 27, 28, 29, 30
Associação Brasileira de Normas Técnicas-NBR 9050 13, 17

B

Banheiro adaptado 13, 19, 20

C

Comunicação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 16, 17, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 48, 49, 61
Comunicação alternativa 5, 24, 26, 28, 29, 30
Comunicação alternativa e ampliada 5
Comunicação aumentativa alternativa 24, 25, 28, 30
Covid-19 48, 49, 50, 53, 58, 59, 60
Criança autista 1, 4, 6, 8
Crianças 3, 4, 5, 6, 9, 14, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 52, 53

D

Deficiência física 13, 18, 20, 23, 55

E

EAD 49
Educação 1, 5, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21, 22, 23, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61
Educação a distância 24
Educação especial 1, 6, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 22, 23, 24, 33, 48, 57, 59, 60, 61
Educação inclusiva 11, 13, 14, 15, 17, 21, 22, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58
Ensino 1, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 17, 20, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58
Ensino fundamental 13, 17, 20, 23, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 42, 44, 45, 46
Ensino remoto 48, 50
Estratégias de ensino 1
Estudantes 11, 13, 18, 20, 21, 23, 28, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

F

Facilitadores 16, 21, 27, 31, 51, 56

Formação continuada 17, 21, 22, 23, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 43, 45, 46, 59

Frutal-MG 37

H

Habilidades 5, 9, 29, 51, 58

I

Inclusão 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 29, 33, 34, 35, 39, 41, 42, 44, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Instrumentos 2, 15, 16, 22, 27, 28, 30, 31, 37, 38, 44

Interação social 3, 4

L

LDB 33, 35, 42

LIBRAS 18, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 61

Língua de sinais 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31

Linguagem verbal 5

M

Metodologias de ensino 53

Mobilidade reduzida 13, 16, 17, 18, 20

N

NBR 9050 13, 17, 18, 19, 22

P

Pandemia 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 60

Paulo Freire 32, 34, 36, 41

Percepção dos professores 13

Plataforma Moodle-AVA 13, 17

Política Nacional de Educação Especial 15, 22

Políticas de educação inclusiva 14

Processo de formação continuada 32, 59

Processo de inclusão 3, 6, 16, 54, 57

Professores 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 59

S

Sala de aula 1, 2, 7, 9, 10, 28, 34, 37, 40, 55

T

TEA 2

Transtorno do espectro autista 2

Compreendendo o processo de inclusão:

Limitadores
e facilitadores

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Compreendendo o processo de inclusão:

Limitadores
e facilitadores

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021